



## ESTÁGIO DOCENTE NO ENSINO SUPERIOR EM TEMPOS DE PANDEMIA

Suelen Ap. de Carvalho Rela <sup>1</sup>  
Daniela Dia dos Anjos <sup>2</sup>

### RESUMO

O estudo aqui apresentado origina-se de uma pesquisa de mestrado com apoio financeiro da CAPES, realizada em uma Instituição de Ensino Superior (IES) do interior do estado de São Paulo (SP). De abordagem qualitativa, a pesquisa traz como foco as tensões na realização do estágio supervisionado obrigatório no contexto da pandemia tendo como objetivo geral analisar a inserção dos alunos de pedagogia nas escolas campos. Para a produção de dados, foram desenvolvidas entrevistas narrativas realizadas pela pesquisadora, diário de campo da pesquisadora e os portfólios e demais materiais produzidos pelas alunas da disciplina de Estágio Supervisionado no Ensino Fundamental. No presente trabalho, por intermédio da narrativa, traremos a experiência de estágio docente vivenciada pela pesquisadora, destacando a parceria e a comunicação entre os diferentes atores envolvidos no processo: mestranda (universidade), professora de estágio (orientadora e supervisora de estágio), estudantes do curso de pedagogia, professores da educação básica. Apesar do distanciamento social e dos inúmeros desafios do ensino remoto, na universidade e nas escolas de educação básica, foi possível a criação de um espaço dialógico, que encaminhou o trabalho desenvolvido para além dos muros da instituição. O diálogo, presente em todas as ações, redimensionava a prática desenvolvida, pois havia parceria, cumplicidade, apoio, reflexões considerando a sala de aula como um espaço produtor de muitas vozes possibilitando a interação entre os pares que nela se constituem e se fazem, enriquecendo e contribuindo para o redirecionamento de um novo olhar.

**Palavras-chave:** Pós - Graduação, Narrativas, Docência, Experiência.

### INTRODUÇÃO

De acordo com a Portaria nº 76, de 14 de Abril de 2010, e as considerações apresentadas em seu artigo 18, o estágio de docência é parte integrante da formação do pós-graduando, objetivando a preparação para a docência, e a qualificação do ensino de graduação (Brasil. Capes, 2010, p. 32).

Para o contexto deste trabalho, por intermédio da narrativa, traremos a experiência de estágio docente vivenciada pela pesquisadora, pós graduanda em educação durante a pandemia onde a parceria e a comunicação que se teve entre mestranda (universidade) e professora (orientadora e supervisora de estágio), encaminhou o trabalho desenvolvido para além dos muros da instituição. O diálogo, presente em todas as ações, redimensionava a prática

---

<sup>1</sup> Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade São Francisco- SP, [sucarvalhorela@gmail.com](mailto:sucarvalhorela@gmail.com);

<sup>2</sup> Professor Orientador :Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas - SP, [daniela.anjos@usf.edu.br](mailto:daniela.anjos@usf.edu.br);



desenvolvida pois havia parceria, cumplicidade, apoio, reflexões considerando a sala de aula como um espaço produtor de muitas vozes possibilitando a interação entre os pares que nela se constituem e se fazem, enriquecendo e contribuindo para o redirecionamento de um novo olhar.

De abordagem qualitativa e amparando -se nos estudos da perspectiva histórico-cultural, o percurso metodológico da pesquisa buscou por meio das narrativas, apresentar a experiência de uma situação de estágio supervisionado no ensino superior.

Para Paiva,

...muitos são os significados de narrativa que circulam entre nós: uma história; algo contado ou recontado; um relato de um evento real ou fictício; um relato de uma série de eventos conectados em sequência; um relato de acontecimentos; uma sequência de eventos passados; uma série de eventos lógicos e cronológicos etc. (PAIVA, 2008, P. 1).

Bueno *et al* (2006), aponta que a intensificação do trabalho com biografias e história de vida no Brasil, deu-se a partir de dos anos de 1990 fortalecendo a realização de trabalhos abrangendo a formação docente , sendo importante fonte de investigação nas pesquisas em ciências humanas e segundo Passeggi,(2020,p. 63), as histórias de vida em formação tornam-se uma referência em educação, no Brasil, a partir dos anos 1990, graças ao livro de António Nóvoa e Matthias Finger, publicado em 1988, em Portugal, e reeditado no Brasil em 2010, 2014.

O uso das narrativas como instrumento de produção de dados apresenta - se como um importante meio para as investigações qualitativas, oportunizando aos pesquisadores, dados capazes de produzir conhecimento científico fidedigno aos relatos compartilhados pelos sujeitos e a originalidade dos dados apresentados, uma vez que permitem no aprofundamento das investigações, combinar histórias de vida a contextos sócio-históricos, tornando possível a compreensão dos sentidos que produzem mudanças nas crenças e valores.

## **NARRATIVA DE UMA ESTAGIÁRIA PÓS GRADUANDA EM EDUCAÇÃO**

Ao ingressar no mestrado, realizei o estágio supervisionado na disciplina de projetos e estágio supervisionado no ensino fundamental, em uma Instituição de Ensino Superior (IES)

do interior do estado de São Paulo (SP), conforme regulamento do programa resolução CONSEPE 32/2019<sup>3</sup>

Como no curso de Pedagogia, o estágio obrigatório estava presente na grade curricular do Magistério, especificamente na disciplina de didática e, com todas as situações compartilhadas no período de estágio docente na disciplina de estudos e projetos em estágio supervisionado, pude rememorar muitas das minhas experiências enquanto estudante de magistério, ensino de nível médio que tinha como objetivo formar profissionais para o ofício de professor.

O cumprimento do estágio supervisionado obrigatório é uma exigência da LDB. Com carga horária definida, é visto como um instrumento importante para o conhecimento da prática docente nos cursos de licenciatura. O estágio proporciona ao aluno o contato com as vivências e situações didáticas que contribuem com a sua formação profissional, conforme podemos observar no parecer do Conselho Nacional de Educação, CNE/CP 05:<sup>4</sup>

[...]O estágio curricular pressupõe atividades pedagógicas efetivadas em um ambiente institucional de trabalho, reconhecido por um sistema de ensino, que se concretiza na relação interinstitucional, estabelecida entre um docente experiente e o aluno estagiário, com a mediação de um professor supervisor acadêmico. Deve proporcionar ao estagiário uma reflexão contextualizada, conferindo – lhe condições para que se forme como autor de sua prática, por meio da vivência institucional sistemática, intencional, norteada pelo projeto pedagógico da instituição formadora e da unidade campo de estágio.

Ter um bom comportamento enquanto estagiário, na situação de observador, evitava situações constrangedoras entre instituições e professores que poderiam vir a prejudicar a realização do estágio para os demais alunos. Meu primeiro estágio de observação foi realizado em uma escola de educação infantil, na qual além da observação tive contato com o com a rotina diária de um professor, além da apresentação ao semanário — um caderno de registro das atividades a serem desenvolvidas no decorrer do período —, mas ao estagiário cabia apenas o papel de observar. Enquanto estudante de magistério em formação inicial, eu acreditava que ali poderia fazer muitas coisas, mas, por timidez, hierarquia, medo de reprovação e pelas minhas crenças sobre o papel do estagiário, minha postura permaneceu sendo de observadora, sentada no fundo da sala. Nos anos seguintes, essa situação se modificou um pouco: terceiro e quarto

---

<sup>3</sup> RESOLUÇÃO CONSEPE 32/2019 disponível em <https://www.usf.edu.br/educacao/interna/112136598/regulamento.htm?lang=br> acesso em 17 ago 2023.

<sup>4</sup> Parecer de nº5 do Conselho Nacional de Educação - Conselho Pleno do ano de 13 de setembro de 2005. BRASIL.

anos de magistério, estágio de observação no ensino fundamental, período em que fui apresentada ao mimeógrafo, instrumento utilizado para a reprodução de “cópias” das atividades aplicadas em sala de aula pela professora.

Recordo-me que, em poucos momentos, as situações de vivências enquanto estagiárias eram compartilhadas em sala de aula com o professor-supervisor, afinal, a necessidade de finalizar a carga horária de estágio para a aprovação no curso era mais importante do que manter uma relação de aprendizado com o professor da sala de aula.

Em 1998, tive a oportunidade de iniciar como estagiária em uma instituição privada de Educação Infantil, na verdade como auxiliar de sala, que tinha como função principal organizar o espaço e materiais que seriam utilizados pelo professor no momento das atividades.

As atividades ali desenvolvidas não estavam exatamente descritas conforme a proposta do Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil,<sup>5</sup> documento referente às instituições de educação infantil, que tinha como objetivo ser utilizado como orientação e reflexão sobre o trabalho a ser desenvolvido com crianças de zero a seis anos de idade, atendendo a uma determinação da Lei 9.394/96, entendendo a educação infantil como a primeira etapa da educação básica, era necessário então elaborar adaptações para o registro das atividades desenvolvidas na ficha de estágio. A construção com diferentes materiais manipuláveis, como blocos de montar, pequeno construtor, por exemplo eram identificadas como atividades diversificadas; Neste período, anos de 1990, também chegava ao Brasil as pesquisas relacionadas ao construtivismo, apontando que o aprendizado e o conhecimento advêm das experiências entre o indivíduo, seus pares e o mundo. Carretero(1997), citado por Chakur (p.22,2015) define a construção como uma ideia prévia que tem como característica o caráter espontâneo, ou seja, não tem instruções específicas, já para Ferrari (2008), citado por Ramos(2010) as descobertas de Piaget sobre os processos de aquisição de conhecimento e sobre os mecanismos de aprendizagem da criança, aliada aos estudos e pesquisas de Emília Ferreiro, que estudou e trabalhou com Jean Piaget, possibilitaram a descoberta de que as crianças possuem um papel ativo na construção de seu conhecimento, surgindo assim a palavra construtivismo.

Se a atividade era de escrita, meu papel enquanto auxiliar de sala era montar todas as mesas e cadeiras, uma para cada criança, para que pudessem realizar a atividade; quando a atividade era de construção com areia, era preciso organizar, na sombra, certa quantidade de areia para cada criança poder realizar a sua atividade de construção. Finalizada a atividade, era

---

<sup>5</sup> Referencial Nacional da Educação Infantil, informação disponível em [www.portalmec.gov.br](http://www.portalmec.gov.br), acesso em 05 mar 2022.

necessário recolher toda a areia, tendo cuidado para que não houvesse desperdício. Ao final do dia, realizava a limpeza do espaço de forma geral, após a varrição, passava pano com água e álcool, lavava o pano e fazia a varrição do quintal.

Na atualidade, situações como essa ainda se reproduzem em instituições de ensino, Polzin, citando Bernardim (2010, p. 490) afirma que “muitas empresas utilizam o estágio como uma forma de mão de obra barata, sobre a qual não incidem encargos trabalhistas e previdenciários, e que apresenta reduzido risco de ações trabalhistas”.

DEMSCHINSKI e FLACK (2022) argumentam que as estudantes que realizam estágio não obrigatório são impactadas de diversas maneiras, na formação e na vida. Por um lado, essa atividade auxilia, quando não garante totalmente, a manutenção financeira das alunas no ensino superior, aproximando-as da realidade de sua futura área de atuação. Por outro lado, a forma como a atividade é desenvolvida e a conciliação da carga horária destinada ao estágio e ao estudo acabam por prejudicar a sua formação.

Neste mesmo ano de 1.998, cursando o terceiro ano do magistério realizei o estágio na Educação de Jovens e Adultos (EJA), modalidade de ensino destinada a garantir os direitos educativos dessa numerosa população com 15 anos ou mais que não teve acesso ou interrompeu estudos antes de concluir a Educação Básica. O contato com a Educação de Jovens e Adultos me possibilitou conhecer outro segmento; um trabalho diferenciado para atender às necessidades de quem não teve a possibilidade de realizar e/ou concluir seus estudos na idade adequada. A diversidade existente nesse segmento oportuniza o contato com uma vasta herança cultural e social, possibilitando que a rotina da escola seja preenchida por histórias de vida, memórias e representações.

Nos encontros de supervisão, as alunas também relatavam as dificuldades encontradas para a realização do estágio e desenvolvimento dos projetos. Esses relatos também traziam queixas referente à maneira como elas eram recebidas na escola. Tardif e Lessard (2005) observam o estágio como uma experiência única e importante, possibilitando a inserção do estudante no mundo profissional, permitindo que percebam que

[...] viver uma situação profissional como um revés ou um sucesso não é apenas uma experiência pessoal. Trata-se também de uma experiência social, na medida em que o revés e o sucesso de uma ação são igualmente categorias sociais através das quais um grupo define uma ordem de valores e méritos atribuídos à ação (TARDIF, LESSARD, 2005, p.53).

Com a suspensão das aulas a partir de março de 2020, devido à pandemia da Covid-19, que transformou toda uma sociedade com novos hábitos de trabalho e educação com o isolamento e distanciamento social, as Instituições de Ensino Superior, através da portaria nº 544 de 16 de junho de 2020, receberam autonomia para a organização do calendário letivo, possibilitando o retorno das aulas de forma remota. que os alunos retomassem as atividades de forma remota.

Essa nova experiência de estagiária no Ensino Superior me permitiu participar ativamente das aulas contribuindo com as reflexões e aprendizagem das alunas. Uma das estratégias que a professora adotou, foi trazer para as aulas rodas de conversa com professores da Rede Municipal de Ensino, da qual faço parte, como forma de aproximar esses alunos das situações de escola e aula, com relatos de práticas e experiências. Participei ativamente desse processo, com a professora da disciplina, tendo a possibilidade de auxiliar no planejamento das atividades pré e pós aulas, e no contato aos profissionais da rede.

Para Carvalho (1985), para que o estágio aconteça de forma eficaz, é preciso que o estagiário tenha a oportunidade de também vivenciar os conflitos que cercam seu contexto de realização tendo a possibilidade de colocar em jogo suas crenças, valores, princípios, e não um simples treinamento de como ser professor.

Zabalza, citado por Pimenta (2014, p. 29) considera que:

[...]o estágio constitui um cenário formativo no qual se entrecruzam muitos dos elementos e desafios a serem enfrentados pelo Ensino Superior [...] de qualidade de ensino. Os desafios são(...)grandes e para fundamentá-los (...) é preciso dotar o estágio de um discurso teórico que acabe aglutinando seu papel nas exigências formativas que a sociedade moderna propõe a seus jovens por meio da universidade.

Ainda segundo a autora, é através do estágio que o estudante poderá desenvolver e direcionar o seu olhar para a prática pedagógica e o contexto escolar em que está inserida a instituição.

Em tempos de pandemia, essas dificuldades tornaram-se maiores, mas também possibilitaram novas descobertas e neste processo, os pontos de vista do sujeito tornaram-se para mim um ponto de partida, permitindo que além de estagiária, eu fizesse parte do processo.

## **Considerações Finais**

Considerando que a formação do futuro professor também ocorre durante a realização do estágio, este precisa ser entendido como espaço que oportuniza a reflexão e vem a contribuir para a construção da identidade do professor iniciante, considerando que a formação docente não se faz apenas na compreensão das teorias, mas também na prática, que se nutre da teoria, no conjunto ação-reflexão-intervenção, realizado além da observação e elaboração de relatórios.

Falar sobre as condições de realização do estágio docente, no contexto do ensino superior, em tempos de pandemia, me apresentou a importância do coletivo e da parceria e como nos apresenta Clot (2006),

no mundo do trabalho atual há uma gestão individualizante, mas há uma necessidade muito, muito forte do coletivo. E o coletivo não é simplesmente um valor que deveria ser defendido contra a corrente de uma sociedade que vai contra o coletivo. Eu creio que a questão do coletivo merece ser aprofundada como uma tendência do lado do real do trabalho. Isso quer dizer que o coletivo não é qualquer coisa que deve ser defendido, mas algo que deve ser reencontrado (CLOT, 2006, p.103).

Diante deste conceito, concordo com Edgard Morin (2000), quando diz que é preciso educar os educadores:

Todo conhecimento é uma tradução, que é seguida de uma reconstrução, e ambos os processos oferecem o risco do erro. [...] existe um ponto vital que não é abordado pelo ensino: a compreensão humana. O grande problema da humanidade é que todos nós somos idênticos e diferentes, e precisamos lidar com essas duas ideias que não são compatíveis. Ensinamos apenas o aluno a ser um indivíduo adaptado à sociedade, mas ele também precisa se adaptar aos fatos e a si mesmo. (s/p)

O estágio cumpre o seu papel quando é interpretado pelos protagonistas deste processo como uma postura a ser assumida e, não, como um rol de atividades a ser desenvolvido.

**Palavras-chave:** Pós - Graduação, Narrativas, Docência, Experiência.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei Orgânica do Ensino Industrial, de 30 de janeiro de 1942. Diário Oficial da União, Brasília, 1942. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/component/content/article/30000-uncategorised/68731-historico-da-educacao-profissional-e-tecnologica-no-brasil> acesso em: 05 jun 2023.



BRASIL. PORTARIA MEC Nº 544, DE 16 DE JUNHO DE 2020 disponível em <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-544-de-16-de-junho-de-2020-261924872> acesso em 02 ago 2020.

BUENO, Belmira Oliveira et al. Histórias de vida e autobiografias na formação de professores e profissão docente (Brasil, 1985-2003). **Educação e Pesquisa** [online]. 2006, v. 32, n. 2

CARVALHO, Anna Maria P. de. **Prática de Ensino: os estágios na formação do professor**. São Paulo: Pioneira, 1985.

CLOT, Y. Entrevista: Yves Clot. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho** Cad. psicol. soc. trab. v.9 n.2 São Paulo dez. 2006 acesso em 06 jul 2021.

DEMSCHINSKI, S. C.; FLACH, S. de F. Exploração discente: contradições do estágio não obrigatório em cursos de Pedagogia. *Retratos da Escola*, [S. l.], v. 16, n. 34, p. 191–206, 2022. DOI: 10.22420/rde.v16i34.1276. Disponível em: <https://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/1276>. Acesso em: 25 maio. 2023

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. São Paulo: Cortez, 2000.

PAIVA, V.L.O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Volume: 8, Número: 2, Publicado: 2008 disponível em <https://www.scielo.br/j/rbla/a/gPC5BsmLqFS7rdRWmSrDc3q/?format=pdf&lang=pt> acesso em 26 abr 2023

PASSEGGI, M. da C. Enfoques narrativos en la investigación educativa brasileña. **Paradigma**, 2020, 57-79. <https://doi.org/10.37618/PARADIGMA.1011-2251.2020.p57-79.id929>

TARDIF, Maurice; LESSARD, Claude. **O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas**. Petrópolis: Vozes, 2005.